

Muitas Palavras à Procura de Silêncio: A Caminho do Ciberespaço

Carla Ferreira de Castro (Universidade de Évora)

Não podemos imaginar um mundo onde apenas existisse a palavra,
mas não podemos imaginar um mundo onde só existisse o silêncio

Max Picard, *Le Monde du Silence*

É um privilégio e uma emoção singular, ter assento no colóquio de homenagem a Yvette Kace Centeno, pois é uma forma de poder manifestar publicamente a minha gratidão, à professora, duas vezes orientadora, mas acima de tudo mestre na arte de ensinar a pensar e entender o mundo académico como parte integrante do caminho: A Professora Yvette Centeno ensinou-me a estar na Universidade como se está na vida – livre, despojada de preconceitos, disponível para as novas descobertas e com vontade de aprender, empreender e partilhar.

Falar de silêncio, no caso da obra de Yvette Centeno, numa pessoa que acima de tudo sempre acreditou na força da palavra e na partilha de diálogos, multiculturais e artísticos parece uma incongruência. Porém, é nestas múltiplas vozes que surge o desejo de expressão por outras formas mais esgotadas de palavras e mais preenchidas de música e imagens.

Homenagear uma autora multifacetada com uma vasta obra publicada no âmbito do romance, poesia, drama, ensaio, tradução e artigos vários é uma tarefa inesgotável e que propicia a quem homenageia um manancial fascinante repleto de vozes, inúmeras formas de expressão e múltiplos pontos de abordagem.

No meu caso, porque o caminho se foi fazendo em direcção ao futuro e ao silêncio, escolhi uma ferramenta contemporânea – o ciberespaço, mais concretamente a blogosesfera - por considerar a forma a mais plural e acessível a todos, à distância de uma ligação à internet e de um – neste caso três – endereços de sítios. Yvette Centeno tem três blogues activos: Simbologia e Alquimia; Literatura e Arte; e Cultura Visual. Neles, tenho vindo a encontrar a súpula dos interesses presentes, passados e dos de

sempre que transcorrem todas os afectos, preenchendo as vozes da autora e reflectindo este carácter de *Work In Progress* com que Yvette Centeno encara os afluentes que marcam os ciclos da sua vida.

A primeira característica que confere uma identidade inequívoca a estes blogues é o assumir do nome da autora, sem o recurso ao pseudónimo, comum nestes meios. Yvette Centeno coloca nome e apelido, sem constrangimentos, não faz moderação de comentários, só não aceita comentários anónimos, e o que seria arrojado nouro tipo de blogues, nestes são mais uma expressão do espírito de liberdade e que atestam para o teor universal e elevado dos temas. Em *Cultura Visual*, o endereço contem mesmo o seu nome.

O primeiro Blogue que foi dado a conhecer aos cibernautas intitula-se *Simbologia e Alquimia* e foi criado a 6 de Fevereiro de 2006; o segundo, *Literatura e Arte*, imediatamente a seguir, a 11 de Março de 2006 e o mais recente, *Cultura Visual*, data de 16 de Setembro de 2008. Mera coincidência, ou exercício pensado, a ordem cronológica de surgimento dos três blogues tem uma correspondência a bio-bibliografia da autora: Primeiro os símbolos e o hermetismo, o início do caminho, a arte de cultivar um jardim que nunca é deixado ao abandono, depois a literatura e a arte, ou a arte da literatura, um blogue que exercita os múltiplos diálogos que a palavra estabelece entre si com as outras formas (teatro, pintura, escultura...) e finalmente, a *Cultura Visual*, um blogue de presente virado para o futuro, um testemunho acessível com sugestões e constatações sobre a era em que a comunicação se tornou mais do que nunca, sinónimo de imagem que articula e debate múltiplas linguagens e metalinguagens.

A grande maioria dos *posts* nestes três blogues reúne ensaios sobre a intemporalidade da literatura, da cultura e da história ocidental, mas também oriental (com um pendor mais marcado em *Simbologia e Alquimia*, o mais hermético dos blogues e menos acessível para não-inicados nestes tópicos). Em termos de apresentação gráfica, os *layout* são todos idênticos, como 3 faces da mesma forma. No percurso dos vários *posts*, que no caso dos dois primeiros blogues já é extenso, pois abrange dois anos, é possível traçar um itinerário do caminho percorrido pelos autores de eleição. A viagem é longa, pois vastas são as áreas gratas à autora e lato é o seu conhecimento da história das mentalidades e das civilizações. Entre os artistas de eleição mais omnipresentes destacam-se Goethe, Pessoa, Shakespeare, Brecht, Blake, Paul Ricoeur, Henri Michaux, Rilke, Paul Celan Homero, Platão, Euripides, Maria Velho da Costa, Herberto Helder, Manuel Alegre, Vieira da Silva e Arpad Szenes,

Cutileiro, Paula Rego, Scheele, Escher, Klimt, Magritte, Durer, Bosch, Jung, entre outros.

O caminho destes 3 blogues é o da razão, mas também o da poesia, do teatro, da música, do hermetismo, da alquimia – é, em suma, o caminho do humanismo que reflecte a biografia intelectual da autora. Aliás, para o bem e para o mal, o que o acesso aos blogues, e a demais conteúdos online propiciam, acima de tudo, é o facto de permitirem que os utilizadores coloquem diferentes máscaras para poderem desmascarar os seus interesses. Estes três blogues são exemplos que é possível manter a identidade e falar de temas universais para uma comunidade que já inclui nos seus leitores interlocutores de vários continentes, assumindo que as máscaras, tal como os símbolos e as vozes que desmultiplicam os nossos silêncios, fazem parte das faces que vestimos.

A noção da preservação de vozes articuladas por memórias, tradições e cultura atravessa transversalmente estas 3 faces complementares que se reportam ao passado para explicar o pós-modernismo do presente impregnado de futuro. Alguns posts são referências ao momento – uma exposição, uma edição de um livro, uma nova encenação ou a estreia de um novo filme que, analisados à luz de um imenso repositório cultural, encetam metalinguagens que ultrapassam a visão contemporânea e nos transportam para uma perspetivação da história das artes, da cultura e da literatura. Os diálogos são vastos, pois os temas convocam vários interlocutores. Em Simbologia e Alquimia, o blogue do hermetismo, entre os leitores habituais já existe uma micro-comunidade com referências em comum que ultrapassam títulos académicos e honoríficos, deixando espaço para a reflexão de pessoas que partilham afinidades por temáticas idênticas.

No mais recente Blogue, Cultura Visual subjaz uma perspectiva didáctica, serve de ferramenta de apoio da disciplina de artes visuais. Aqui é possível ler e aprender noções que abrangem conhecimentos sobre hieróglifos, antiguidade clássica greco-romana, iconografia da idade média ao renascimento, mitos fundadores, história das religiões e princípios da psicanálise - os tópicos estão cuidadosamente entrelaçados numa história bem contada, acessível aos leitores amadores, a estudantes e estudiosos e propiciadora de outras leituras, sendo que rigor científico nunca é descurado nas referências bibliográficas dadas a propósito de leituras complementares ou de traduções mais fidedignas.

O *post* de abertura, intitulado “A Forma e a Busca do Sentido”, data de 16 de Setembro de 2008 e surge a propósito da exposição de Scheele, New Forms for New

Sense, a decorrer na Galeria de S. Mamede. A partir desta busca de formas, de novos sentidos, é-nos dada a conhecer a vertente didáctica do blogue, quando se lê:

O conceito de cultura visual vive do conceito primeiro de cultura: experiência artística ou saber acumulado por um indivíduo, um grupo, um povo, uma época civilizacional.

Assim falamos, por ex. de civilização pagã, civilização cristã, islâmica, outras; e de um segundo conceito: o de imagem, ligado a essa cultura de que nos ocupamos, seja antiga, moderna ou post-moderna, ou dos nossos dias.

A imagem dada a ver cumpre a função importante de instruir, marcar, instrumentalizar (quando é o caso) formatando uma determinada cultura e memória.

Chegamos a outro ponto importante: não há cultura sem memória, e a cultura visual, desde os tempos mais distantes, o que fez foi preservar a memória da existência de uma determinada cultura.

(in: yvettecenteno-culturavisual.blogspot.com, 16/09/2008)

Em Cultura Visual há uma firme intenção em dar voz às manifestações mais silenciosas que, no nosso presente pós-moderno, se foram estilizando e tornando cada vez mais abstractas, porém mais relacionadas com a multiplicidade de diálogos interartísticos que Cultura estabelece com as Artes, a Ciências e a Literatura. No segundo *post* há uma citação de Escher que evidencia este desejo de futuro, de procura de novas formas de expressão, para lá da voz. Segundo diz Escher:

Vinham-me ideias que nada tinham a ver com a arte da gravura, fantasias que me cativavam de tal maneira que desejava absolutamente transmiti-las a outros. Isto não podia acontecer com palavras, pois não eram pensamentos literários, mas sim imagens de pensamento que só poderiam tornar-se compreensíveis aos outros quando lhes pudessem ser mostradas como imagem visual.

(in: yvettecenteno-culturavisual.blogspot.com)

Da mesma forma que o tradutor procura a palavra certa para reproduzir na língua de chegada o significante e significado presentes na língua de partida, o criador é um tradutor de pensamentos, um conversor de imagens em matéria sendo esse o maior desafio do artista, mas também do cientista. Ao ler os 3 Blogues apreende-se que muito do pensamento que atravessa várias civilizações é feito de arte, mas também de ciências exactas, de conhecimentos de matemática, astronomia, física e medicina, pois a arte não encerra todo o potencial de inovação e criação e toda originalidade uma vez o desafio da norma e a formulação de hipóteses para responder a perguntas aparentemente impensáveis foram os grandes motores das maiores descobertas científicas, ao longo dos séculos. Estes blogues tentam acabar com a barreira que cada vez faz menos sentido

entre a Literatura, as Artes e as ditas Ciências Exactas. Escreve Yvette Centeno, ainda a propósito da citação de Escher supracitada:

(...) A cultura visual parte de muitas formas de conhecimento, produção artística e diversificados modos de divulgação. A Cultura Visual vive da Comunicação, hoje globalizada. Houve um tempo em que tudo estava nas cortes, nos conventos, mais tarde nos museus, hoje tudo se abriu, no mundo da arte, da ciência e da cultura.
(in: yvettecenteno-culturavisual.blogspot.com)

Em Cultura Visual a continuidade é outra das características marcantes que evidencia o cariz pedagógico do blogue. Se o 1º post refere Scheele, o 2º retoma-o para introduzir Escher e o 3º recupera ainda a noção de Escher, na citação das imagens que traduzem o pensamento, para introduzir as ilustrações de Lima de Freitas a um soneto de Camões, onde a propósito da caveira e da fragilidade do destino do homem se convoca *Hamlet* de Shakespeare e o retrato de S. Jerónimo de Durer, com a caveira perto da janela. (que é o tema de um post publicado em Literatura e Arte, em 23 de Novembro de 2007, em que se estabelece o paralelismo a posição de reflexão do S. Jerónimo de Durer e o Jeremias de Rembrandt).

Cultura Visual abre ainda o debate ético acerca da legitimidade que a sociedade actual acha que possui para mostrar tudo, apenas porque em termos de meios logísticos, é possível (WE CAN foi aliás o lema da campanha às presidenciais americanas. A máquina eleitoral percebeu que o marketing do candidato seria mais pró-activo se colocasse na frase-chave a capacidade do eleitor controlar os acontecimentos). Em Cultura Visual a autora refere a transmissão da guerra em directo, os ataques às torres gémeas, o enforcamento de Saddam ou a agonia do Papa e chama a atenção para o quão abrangente se transformou a cultura americana do *starsystem*, que se expandiu a todo o planeta dando os minutos de fama ao cidadão banal desde que esteja disposto a expor as suas maiores indiscrições à frente de uma câmara, uma vez que ao nível dos media, há um inegável comprazimento com o escândalo, a catástrofe, ou a desgraça e a invasão da privacidade. Escreve Yvette Centeno num *post* de 17 de Setembro de 2008:

São grandes os problemas de ética que tanta informação mediatizada levanta às consciências modernas. É útil ver a desumanização do mundo? Serve que propósitos, serve a quem? Mas será melhor ocultar? Pela imagem se constrói, pela imagem se destrói.

(in: yvettecenteno-culturavisual.blogspot.com)

Esta capacidade de discutir temáticas que abordam Platão, Magritte, Andy Warhol e Roy Lichtenstein; Shakespeare, Blake, Camões, Leibniz, Freud, mas também Figo, Madonna e Lara Croft, traduzem a contemporaneidade deste blogue, que articula passado e presente, analisando o conceito das várias imagens e da sua formatação através dos tempos, desde a escultura, à pintura, fotografia, televisão, publicidade, gravura, escrita e até à percepção do corpo humano.

Gostaria, para terminar, de destacar alguns *posts* que recomendo, como manual de instrução à distância de uma ligação à internet:

- O *post* de 4 de Outubro de 2008 sobre o diálogo intertextual simbólico entre a pantera de Rilke e o tigre de Blake; Um exercício que convoca Pessoa, Goethe, Bachelard e Jung.

- O *post* de 24 de Outubro de 2008, Intitulado Cultura e Culturas que é uma abordagem ontológica condensada, através de períodos e obras fundamentais à compreensão da intemporalidade da noção de cultura e da sua matriz.

- O *post* de 7 de Novembro de 2008, intitulado a Diferença, sobre o romance *Myra* de Maria Velho da Costa, que enumera as várias formas com que a autora marca a diferença, associando-a a outras obras como a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, *A Tempestade* de Shakespeare, *A Alice no País das Maravilhas* de Carrol e o filme de Tim Burton, *Eduardo Mãos de Tesoura*.

Os três blogues referem a última edição restrita de Herberto Helder de *A Faca Não Corta o Fogo* e, em Literatura e Arte, a celebração é feita através de um poema inédito de Yvette Centeno. A alma criadora de Herberto Helder, no seu último livro, como lembra Yvette Centeno, é feita da mesma matéria que enche o sopro criador do tigre de William Blake, o silêncio primeiro e derradeiro, o silêncio antes e para além da vida: *Onde se morre do silêncio central da terra. (In: Herberto Helder: A Faca Não Corta o Fogo)*.

Ah, essa faca
não corta o fogo
mas corta
o coração da pedra
florescendo
em palavras-pétalas
de ouro

e corta a veia
no fio
do horizonte

deixa escorrer
um delicado
sangue

voz abafada

grito nascendo

dessa faca
no corpo
desse fogo

(*in*: yvettecenteno-culturavisual.blogspot.com)

Tal como as vozes na perspectiva de Vergílio Ferreira buscam o silêncio (diz Ferreira poeta em Esplanada Sobre o Mar: “se eu soubesse a palavra, a única, a última, e pudesse depois ficar em silêncio para sempre...”) também o caminho da autora se foi aplanando, e à medida que o olhar e os afectos se intensificam na existência plena e essencial, a escrita converte-se numa lírica mais simplificada, que se manifesta numa escolha criteriosa de palavras exactas para descrever a natureza e os cambiantes das emoções. Na actual poesia (sobretudo em Canções do Rio Profundo), desvelam-se os caminhos literários (que começaram com a publicação de poemas, em 1961), os académicos, o pendor simbólico, as experiências dramáticas e a mestria da tradutora experiente que facilitam a concretização plena da busca da palavra mais clarividente. Tal como falava Pessoa, a única pátria possível, esculpida na matéria dos sonhos de que são feitas as ideias, é a das palavras, mas este país só existe insularmente porque vive cercado por um mar de silêncio, tecido de angústias, incertezas e expectativas por cumprir. A depuração que encontramos na poesia mais recente de Yvette Centeno, também ela presente, em primeira-mão nos seus blogues, com a publicação de alguns inéditos, é já um mergulho racionalizado no silêncio, uma busca deliberada pela palavra, pela imagem, pela ordenação da forma ou dos sons que melhor traduzam o pensamento.

Bibliografia:

- Centeno, Yvette K. (2002): *Canções do Rio Profundo*, Lisboa, Asa
Ferreira, Vergílio (s.d): *Uma Esplanada Sobre o Mar*, Lisboa, Difel
Hélder, Herberto (2008): *A Faca Não Corta o Fogo*, Lisboa, Assírio e Alvim